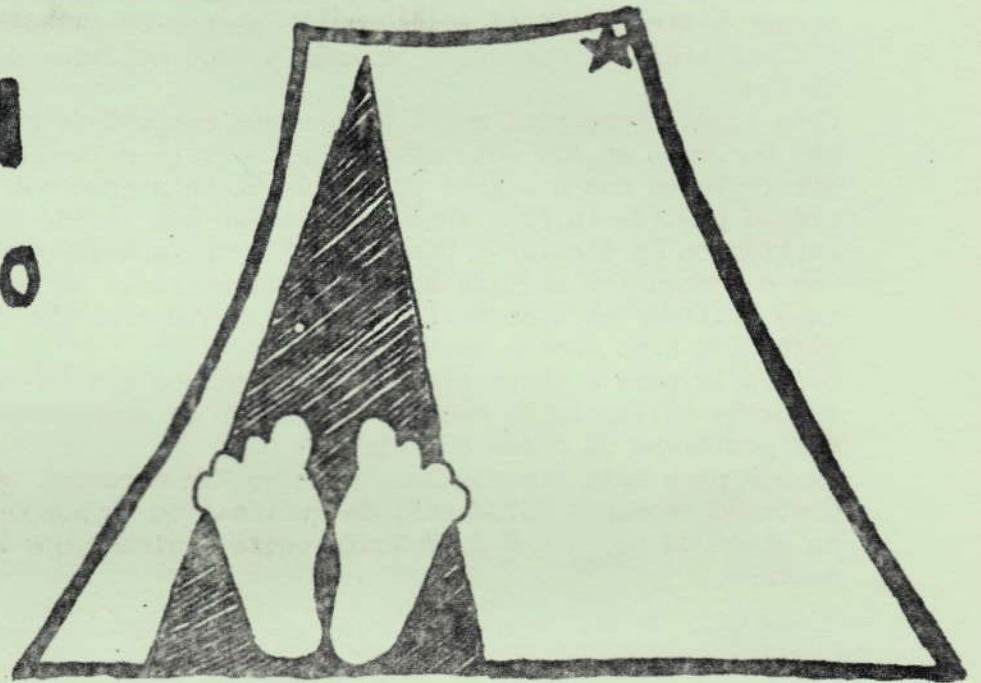


ESTUDANTES PELO COMUNISMO

BOLETIM INTERNO DO SECTOR ESTUDANTIL - ANO III - 1 OUTUBRO 78

Balanço do III
Acampamento



Retomar o
Trabalho!



COMISSÃO
NACIONAL do
sector
estudantil

EPC 5.00 **22**

ALARGAR O DEBATE,
RETOMAR a INICIATIVA POLÍTICA

CAMARADAS :

Estamos prestes a iniciar um novo ano lectivo, ano este marcado desde já, pela crise politica que dura desde Julho e que é certo que irá durar ainda bastante mais. Esta situação a crise, tornada natural pelo desenvolver do processo politico pós-25 Abril, vem reflectindo que a instabilidade politica é a contrapartida natural das lutas de classe e que cada periodo mais agudo dessa luta se traduz numa viragem ou aprofundamento, da situação que se vivia anteriormente.

Estas conclusões, tão naturais, são no fundo marcos que os revolucionários devem ter presente ao analisar e ao apresentar propostas de acção.

Não é indiferente para os revolucionários a questão do poder politico, a acção dos diversos órgãos de soberania, em suma, o como se provocam e resolvem as crises.

Não pode ser, portanto indiferente para a juventude estudantil a dinâmica social e politica, as lutas de classe.

Para os revolucionários a acção pedagógica no seio das massas é uma tarefa central porque é através dessa acção que se ganham os estudantes, que se eleva a consciencia politica das massas, se reforça a base politica de apoio às posições revolucionárias.

Esta acção pedagógica que o MES, no seu conjunto, e os camaradas individualmente devem ter, terá de ser naturalmente um reflexo de uma discussão aprofundada e consciente tanto das questões politicas globais como dos aspectos sectoriais da actividade partidária. Para este obectivo se tem virado o sector estudantil do nosso Partido, em particular a partir da III Conferência, sendo também com estes obectivos de adequar a análise e a proposta politica do nosso sector à realidade que se irão realizar os encontros nacionais sobre trabalho associativo, cultural, nos Magistérios e no ensino secundário.

Será, pois, para a preparação destes encontros que se deverão virar as energias e o trabalho militante do sector no sentido de transformar estas realizações em saltos positivos da nossa organização.

Também para este fim realizar-se-á no fim de semana 30 de Setembro a 5^a Reunião da Comissão Nacional Estudantil da qual sairão um conjunto de decisões respeitantes ao plano de acção até à IV Conferência Nacional, que engloba a organização dos encontros.

EM FRENTE NA PREPARAÇÃO DOS ENCONTROS NACIONAIS!

Secret. da C.N. 20/9/78

BAIANÇO do III ACAMPAMENTO

1. O III Acampamento Nacional do sector estudantil realizou-se de 26 agosto a 3 setembro na barragem de Castelo de Bode, tendo participado um total de 30 camaradas assim distribuidos:

ORP- 10
ORL- 5
Leiria- 5
C. Rainha- 3
C. Branco- 2
Beja- 2
Mangualde- 2
Coimbra- 1

e ainda, 2 camaradas do Comité Central que estiveram presentes no último fim de semana.

A fraca participação global e ainda a não participação de camaradas do Minho e da Beira-Litoral devem-se fundamentalmente às incorrecções havidas no processo de preparação e na debilidade de certas estruturas nas regiões. A presença de 5 camaradas da ORL se explicada em parte pelas causas anteriormente expostas, tal não traduz as gravíssimas insuficiências do SEORL e mesmo o seu liberalismo. Nesta matéria de referir ainda que de 6 camaradas da Comissão Nacional do sector apenas 1 camarada esteve presente, o que demonstra também o desprezo da estrutura de direcção nacional e dos seus membros individualmente (ainda que alguns tivessem razões justificativas da sua falta), pela realização deste III Acampamento.

2. O secretariado da Comissão Nacional considera, no entanto, que este III Acampamento longe de constituir uma derrota poderá constituir mesmo uma das mais decisivas vitórias políticas do nosso sector se for entendido politicamente o que revelam os seus erros e insuficiências e também se forem levados em conta os textos de síntese das discussões travadas.

3. Em relação aos objectivos desta realização, e para além da participação nacional, haviam ainda 3 objectivos centrais: o convívio, a ligação à zona e o seu conhecimento e debate de alguns temas actuais do Movimento Estudantil e da situação partidária do sector.

O secretariado da Comissão Nacional faz um balanço positivo do cumprimento destes objectivos, poder-se-á mesmo afirmar que nomeadamente o debate havido, as sínteses obtidas e, ainda, a disposição para a discussão e para o trabalho revolucionário excederam as perspectivas e são desde já uma garantia de que será possível levar avante transformações da nossa organização e do nosso estilo de trabalho.

4. O secret. da CN está consciente que os erros, ou melhor os aspectos negativos não abafam os aspectos positivos, antes eles revelam a necessidade de as próximas realizações internas, em particular as Encontros Nacionais previstos para o primeiro período do próximo ano lectivo, serem preparados com um novo rigor político e organizativo.

VIVA O III ACAMPAMENTO!

EM FRENTE COM AS PRÓXIMAS REALIZAÇÕES INTERNAS!

Lisboa, 14 de Setembro 1978
O secret. da Comissão Nacional

acta de uma sessão de discussão

III ACAMPAMENTO

Ordem de trabalhos -- Análise da situação do ME, com referências à situação política actual, o papel que viemos desempenhando, e as perspectivas de luta;

. Procedeu-se à introdução dos textos de Lisboa e Porto bem como à análise da situação do MA nestas Academias;

. Esta análise revela uma perda de influência dos revolucionários com o reforço quer da direita quer da BEC; revela também que o trabalho associativo e federado vem sendo suportado com dificuldades; o exemplo do Porto ao nível do trabalho federado: estando nas RIA's elementos organizados partidariamente não representam em termos práticos as suas associações;

. As intervenções que tiveram lugar lançaram mão dos contributos dos textos para a explicação desta situação, nomeadamente;

1. A PERDA DE INFLUÊNCIA DAS POSIÇÕES REVOLUCIONÁRIAS TEM A VER COM:

. O quadro global que extravaza a própria escola - onde os revolucionários têm expressão minoritária contrapondo-se a uma capacidade acrescida de enquadramento burguês por um lado, e à imagem de força adquirida do PC, por outro;

. A perda do discurso subversivo na sequência da ocupação do aparelho escolar, nas associações é institucional, discurso esse que se transformou num discurso de poder;

. Um estilo de trabalho que não têm conseguido tocar de perto as preocupações fundamentais de sectores significativos do ME, dando-lhes uma orientação clara e positiva;

2. ESTE CONJUNTO DE QUESTÕES COLOCOU A NECESSIDADE DE PERCEBER MELHOR ESSES PROBLEMAS E CONSEQUENTEMENTE A VIRAGEM DO ME :

: Uma das razões encontra-se na forma como são encarados e tratados pelas forças políticas as preocupações fundamentais dos estudantes; elas advêm de um enquadramento reforçado nesta fase, com reflexos na situação objectiva e subjectiva do estudante, na situação económica, na opressão cultural política e ideológica a que está sujeito. Enquadramento e condicionantes de que os estudantes mais avançados se tentam libertar forjando alternativas que lhes não são propostas: senão demasiadas vezes em termos teóricos, pelas forças políticas organizadas; é este um tipo de resposta à actual situação; um outro tipo de resposta vem consistindo em, face às pressões do mercado de trabalho, às pressões da própria família, estudar consequentemente com essas necessidades; em encontrar muito rapidamente

(29 e 30 ano já) um emprego que permita alguma autonomia; aqui entra em cena o reforço da direita que dá um sentido a estas questões e também do próprio PC que se tem debruçado sobre elas sem radicalizações;

3. O aspecto seguinte mais desenvolvido detalhou . 1º tipo de resposta ou seja dos sectores radicalizados que animados de um desejo de "transformação" vêm identificando o trabalho político organizado e partidário ou frentista - como oposto e contraditório com essa mesma transformação; esta transformação passa pois crescentemente pelo criar de plataformas marginais ao trabalho político organizado - - plataformas essas com alguma consistência ideológica e uma base afectiva forte, promovendo a transformação no "aqui e agora".

3.1. Tentou-se fazer uma caracterização dos desvios que marcam esta actualiação :

. Existem alguns pontos de contacto em termos ideológicos (o que explicará que estes sectores não sejam integráveis no revisionismo e se refiram ainda a um projecto de poder popular);

. Absoluto antagonismo no que se refira à integração dessa transformação no movimento popular, ou melhor, na concepção da transformação cultural isolada da luta de classes, trabalho político organizado e da construção de uma direcção política global e revolucionária;

3.2. Alguns contributos procuraram orientar-se por:

. A necessidade de aprofundamento da teoria revolucionária;

. A necessidade de articulação dos nossos objectivos políticos com estas temáticas, conduzindo à criação de perspectivas alternativas na democracia burguesa animando também com uma base objectiva e científica formas de luta importantes: luta urbana, saúde, ecologia, aproveitando os ensinamentos da esquerda revolucionária europeia;

. A articulação das formas de luta numa acção global revolucionária inscrita no movimento popular e articulada com a direcção política.

. As saídas não constituiriam alternativas ao trabalho institucional ou associativo mas sim deterem-se numa política que faça dessas instancias, instrumentos ao serviço duma orientação revolucionária e não objectivos em si próprios;

SINTESE DA DISCUSSÃO

1. A discussão na A.R. relacionada com o projecto de lei de bases para o ensino vai pôr a nu neste campo, divergências entre as várias fracções da burguesia, divergências essas que tal como noutros campos (SNS, política agrícola etc.) mostram ser contraditória o ponto de unificação da burguesia, e que o espaço aberto por estas contradições deve ser explorado;

2. Seja qual for o projecto aprovado, a actual situação aponta para que se reforcem os mecanismos de enquadramento da juventude - mecanismos estes, que sem oposição efectiva dos revolucionários, inevitavelmente se reflectirão num reforço das organizações de direita e do PC (este a dar um corpo formal aos sectores mais

avanzados dentro da política de longo prazo que prossegue) por um lado, e num a-
crêscimo do marginalismo, como resultado que abrangia sectores
aparentemente avanzados e radicalizados;

3. De facto sectores significativos da juventude e particularmente do ME
vêm sendo crescentemente tocados pela:

. Revalorização de conceitos como a promoção, a "competência", o canudo,
conceitos estes que encontram um quadro favorável à sua afirmação e desenvolvi-
mento, como seja a dependencia econômica e as dificuldades de penetração no mercado
de trabalho tecnocratizado e exigente;

. A inexistência de alternativas ao nível duma efectiva transformação
individual/colectiva confrontados com a posição num quotidiano alienante e dum
modo de vida mais ou menos integrado;

4. A escola e o ME, estão assim sujeitos a uma pressão "exterior" que
acentua o carácter transitório da situação do estudante; pressões que têm de
qualquer forma um peso decisivo no seu comportamento enquanto estudante;

5. Os vários tipos de resposta do ME à actual situação tende a atrair uma
parte significativa para perspectivas que não servem objectivamente o combate à
penetração burguesa nas escolas; é de certa forma por aí que vai passando também
neste momento a recuperação capitalista do aparelho escolar; a quebra de solida-
riedade, o desencanto pelo trabalho político organizado/partidário, frentista/
democrático- mostram estar aqui a raiz do parlamentarismo nas escolas, e da redu-
ção da capacidade de penetração do trabalho associativo;

QUE FAZER:

Ao nível do político

6. A linha política para o combate dos revolucionários está no desenvolvi-
mento da plataforma da resistência popular activa;

. Desenvolver politicamente a palavra de ordem correcta para as escolas,
implica saber dar - através do estabelecimento de propostas alternativas - uma
orientação clara e positiva às preocupações fundamentais dos estudantes;

- . Dependência econômica;
- . Futura inserção;
- . Opressão ideológica/cultural;

. O trabalho cultural é para os revolucionários uma acção de libertação,
duma situação de miséria não só econômica mas também política; libertação que é
inimaginável num quadro que perca as referências à luta de classes;

. Se é este o fio condutor que deve orientar o trabalho cultural, ou
qualquer outro nível de trabalho, os revolucionários compreendem que não é possível
relegar para amanhã, e em nome de um projecto, aquilo que os sectores mesmo mais
recuados vão tentando resolver no "aqui e agora";

. Os revolucionários recuperaram assim o discurso subversivo abandonando
o discurso de poder nas escolas; a adopção do discurso não implica necessaria-
mente o abandono da batalha associativa ou institucional, antes implica que são

jogarão aí quando esses instrumentos sirvam para potenciar esse discurso, ainda que de forma mediata;

10. O trabalho cultural, tal como outras instâncias de trabalho é um trabalho que deve estar articulado com a criação dos instrumentos capazes de impulsionar e globalizar essa acção de transformação nomeadamente a construção de uma direcção política revolucionária do movimento de massas;

. Nas escolas este aspecto deve ter em consideração que face à força de mecanismos de que dispõe os nossos inimigos de sempre, os jornais progressistas terão duas alternativas:

. Cumprir a função de quadro técnico ou ideológico da burguesia permitindo-lhe rentabilizar o projecto de exploração capitalista;

. Transformar-se progressivamente num quadro orgânico à classe;

11. Os revolucionários orientaram o seu trabalho nos primeiros anos para uma acção de enquadramento onde incluímos o trabalho pedagógico, que lhes permitirá introduzir clivagens, e a filiação de elementos que sirvam uma política de reprodução de forças, na sequência da batalha desenvolvida no secundário; para privilegiarem nos anos imediatos um trabalho de orientação para a sua situação actual e futura inserção;

Ao nível organizativo

. Tal como em fases de luta mais dura o trabalho político adequa-se também à parte organizativa; os revolucionários em democracia burguesa devem criar também adequação a este nível;

13. As adequações organizativas ao serviço da política implicam neste caso:

. O reforço da capacidade de promover o debate mais alargado capaz de construir em cada situação as respostas ao cerco da burguesia;

. A formação política na luta que este debate trará, quer para os sectores mais avançados quer para os mais recuados, e por consequência, de reforço partidário;

. Uma maior capacidade de penetração das perspectivas revolucionárias;

14. As adequações organizativas ao serviço da situação de sectores significativos do ME e da alteração dessa situação implicam que:

. Se trata de dar corpo organizativo a vários níveis da teoria e prática política;

15. Estas adequações que podem consubstanciar-se na UER, não podem ser introduzidas administrativamente, antes dependem da criação de uma dinâmica política; essa dinâmica pode passar pela construção desde já de "núcleos informais da UER" - sem diluição da estrutura partidária lançando um inquérito que averigue das nossas forças e da nossa capacidade de mobilização de alguns sectores para a luta;

SÍNTESE da DISCUSSÃO no secundário

Estiveram presentes à discussão 13 camaradas com afinidades com o Secundário sendo apenas dois estudantes liceais (um do Porto e outro de Mangualde), 7 do propedêutico, 2 dos magistérios (Guimarães e Castelo Branco) um da universidade e um professor. Esteve também na primeira parte da discussão o camarada J.N.. Passaram ainda pelo Acampamento um camarada de Tomar, membro da Comissão Nacional de Luta do Ensino Secundário e 3 camaradas das Caldas da Rainha.

A discussão processou-se em dois dias abordando 3 questões: a situação nas escolas, do MA e do ME, o estado subjectivo dos estudantes, as iniciativas que o MES anima e a nossa presença partidária no Secundário; a discussão em torno do trabalho de turma (delegados de turma), do trabalho cultural e do MA como os 3 polos do trabalho estudantil fundamentais no Secundário e finalmente, 3ª questão, a organização partidária, direcção nacional e a preparação do Encontro Nacional do Ensino Secundário marcado pela III Conferência para Novembro deste ano.

1. A SITUAÇÃO NAS ESCOLAS, DO MA E DO ME, E DO M.E.S.

a) MOVIMENTO ASSOCIATIVO

De um modo geral constatou-se o controle e conseqüente paralização do MA pela direita. A UEC e a UOCR embora de forma desigual continuam sendo as principais forças de esquerda nas escolas, tendo conseguido manter a sua influência nas AAEE, tendo mesmo a UEC conseguido aumentar. O M.E.S. tem decrescido em influência se tivermos em conta a situação do ano passado. Mesmo assim os dados que conseguimos recolher apontam para a presença do MES em 11 associações a nível nacional nas seguintes escolas: ES de Barcelos, Liceu Alex. Herculano do Porto (noturno), E.S. de Oliveira de Azeméis, E.S. de Mangualde, E.T. de S. Pedro do Sul, E.T. de Tomar, E.T. das Caldas da Rainha, E.S. de Estremoz, Liceu de Beja, E.T. de Beja e Liceu da Amadora: - sendo o grau de presença partidária diferente no conjunto das 11 escolas, das quais hegemonizaremos cerca de 8. O MA é praticamente inexistente, sendo os seus únicos sinais de vida as eleições que se realizam ano a ano.

b) OS INSTRUMENTOS FRENTISTAS- OS JORNAIS

Ao nível nacional e reflectindo a incapacidade de penetração do MES no Secundário, surgiram vai para algum tempo várias experiências de jornais culturais regionais, que exprimem a viragem necessária do tipo de trabalho a que nos habituamos, ou seja, a recusa do chevão, do estereotipado, do estritamente político; privilegiar o quotidiano, os problemas culturais, os rudimentos de política. Experiências que apontam em termos de objectivos o combate à ideologia burguesa que a dependência económica faz penetrar rapidamente na massa estudantil, que apontam também para a formação política em novos moldes.

Assim a nível nacional existem 3 experiências deste tipo minimamente consolidadas: o Pegar pela Raiz em Lisboa, "Os pontos nos ii" no Minho e o "Pdera no Charco" no Porto. O nosso Partido animou também em mais duas regiões jornais deste tipo: o "Vai ou racha" em Castelo Branco e o "Despertar" na Beira Litoral, jornais estes que acabaram romadamente por incapacidade ao nível do aparelho técnico. São duas experiências que poderiam ser talvez reerguidas o que muito ajudaria ao trabalho estudantil nessas regiões. Ainda ao nível dos jornais registou-se a presença do Partido em jornais de escola como em Magualde, o "Isto" e no Porto "O Estudante" no Liceu Alexandre Herculano.

Estes jornais têm-se mostrado como meios relativamente eficazes de alargar as nossas perspectivas de luta a sectores cada vez mais largos de estudantes e até de recrutamento. Pensamos que eles são fundamentalmente instrumentos frentistas e não partidários e corresponde a uma necessidade alargada de combate à direita e à penetração reacionária de forma cada vez mais alargada na massa estudantil. Com isto não se quer dizer que se subalternize o partido; o partido tem que siar fortalecido e há que evitar que outras forças colham os frutos do nosso trabalho.

c) OS PROBLEMAS DO TRABALHO ORGANIZADO

O trabalho estudantil no secundário existe minimamente organizado nas regiões do Minho, Porto, Beira Litoral (?), Lisboa (?), Estremoz, Portalegre e Beja.

Nas outras regiões existem camaradas dispersos, contactos, pontas de trabalho. Em algumas regiões a ausência de camaradas responsáveis locais dificulta o trabalho estudantil (Castelo Branco).

Em todas as regiões é notória a inexistência de direcção ou sequer coordenação nacional.

2. TRABALHO DE BASE; CULTURAL E ASSOCIATIVO.

a) TRABALHO DE BASE E DE TURMA

Este trabalho é de uma importância já reconhecida pelo sector tal como vem já expresso no caderno 4 do EPC 19, no sentido de promover o debate na turma, subverter a relação tradicional professor-aluno, etc.. A estrutura de delegados de turma ganha grande importância já que sendo uma estrutura reconhecida pela MEC é também (e essa é a tarefa dos revolucionários) estrutura representativa dos estudantes eleita na base. Há que existir um funcionamento democrático da A.D.T. já que a direita nos liceus não é na sua maioria inteligente, este é um campo aberto à intervenção da esquerda.

b) MOVIMENTO ASSOCIATIVO.

O constatar da sua inexistência não nos deve levar a esquecê-lo. Há que encontrar um programa claro para a nossa intervenção neste campo e há que colocar o reerguer do movimento associativo no secundário como um objectivo de médio prazo.

c) TRABALHO CULTURAL

Os eixos de mobilização estudantil no secundário passam hoje por campos muito exterior à escola. A escola, o estudo, são para muita malta objecto de repulsa. Daí que neste campo há que abordar principalmente as questões do quotidiano, de hoje, da repressão sexual, familiar, etc., debaixo da seguinte palavra de ordem: PELA SUBVERSÃO DO QUOTIDIANO.

3. ORGANIZAÇÃO PARTIDÁRIA E DIRECÇÃO NACIONAL

A) ORGANIZAÇÃO PARTIDÁRIA

A organização partidária no secundário encontra-se extremamente debilitada. Daí que pensamos que há que privilegiar o trabalho frentista na penetração no secundário. O recrutamento não deve ser feito de uma forma indiscriminada; há que recrutar sim mas apenas os camaradas com uma certa formação política e capacidade de trabalho. Há que dirigir a formação política de novos quadros no trabalho frentista.

Em relação ao trabalho celular há que distinguir diferentes níveis no secundário: o ensino nocturno (estudantes-trabalhadores), o curso geral e o complementar. A inexistência quase total de células no secundário é o indice da desadequação deste tipo de organização neste sector. Em algumas regiões (ex. Porto) a solução talvez esteja na criação de organismos que agrupem a malta do MES no secundário e nos quais este encontre a sua estrutura no partido. Não quer isto dizer que se acabou com as células onde elas existem ou que se não formem onde isso for possível.

b) DIRECÇÃO NACIONAL

Sendo o secundário um sector débil no partido a direcção não poderá reflectir esta situação. Terá que ser uma direcção forte e mais avançada em relação à organização que temos. Há que criar no mínimo uma rede nacional de responsáveis com ligação à direcção nacional do sector, direcção esta que julgamos não ter condições de dirigir o trabalho no secundário, daí que a discussão tenha originado a hipótese de criação de uma Comissão Nacional do Secundário hipótese que nos parece na actual fase desadequada.

A COMORG que propomos, no ponto seguinte poderá pelo menos até à data do encontro desempenhar um papel importante a este nível em estreita articulação com a direcção nacional.

4. O ENCONTRO NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO

Pensemos que este encontro represente para o sector um passo extremamente importante. Daí que há que criar o maior numero de condições para que esta realização do sector constitua um êxito.

Daí que proponhamos a formação no mais curto espaço de tempo de uma Comissão Organizadora COMORG) que leve para a frente um conjunto de tarefas:

1. Levantamento exaustivo do que existe - presença partidária nas diversas regiões, AAEE que influenciámos, jornais que animámos, iniciativas culturais, professores do MES ligados ao trabalho estudantil no secundário, etc..

2. Mobilização para o encontro - Tarefa de enorme importância. Há que mobilizar todos os camaradas estudantes e professores ligados ao trabalho estudantil no secundário, simpatizantes e independentes próximos de todas as zonas do país.

3. Elaboração de textos de apoio - que deverão ser elaborados por todos os camaradas que o quiserem fazer. Ahamos no entanto que esta tarefa não deve ser entregue ao voluntarismo dos camaradas, mas há que fazer um grande esforço ppr pedir a um conjunto de malta expressamente para elaborar teses sobre alguns temas. Alguns dos temas possíveis:

- Experiência dos jornais regionais
- Experiência de trabalho cultural
- Comissão nacional de luta do ensino secundário
- Experiência das AAEE
- A questão do unificado (a pedir aos professores)
- Quotidiano/situação subjectiva dos estudantes
- Organização partidária no secundário
- UER
- Direcção nacional
- Trabalhadores-estudantes
- Propedeutico
- O 1º emprego
- etc.

4. Direcção da discussão até ao encontro - Visitando os locais, discutindo com os camaradas, etc..

5. Elaboração de um calendário de preparação do encontro

6: Marcação de data, local, etc.

A COMORG a formar debruçar-se-á também sobre as tarefas que deverá levar para a frente (estas e outras).

Pensamos que o encontro deve ter um grau de abertura grande, embora isso dificulte a discussão de questões internas no sector (haveria talvez que fazer uma parte fechada do encontro).

Como já foi referido atrás haveria que assegurar a participação de professores não em termos de representatividade nacional mas de ligação aos problemas do secundário.

A COMORG deveria ser constituída por 6 camaradas: 1 do Minho, 1 de Lisboa, 1 da Beira Litoral, mais 2 camaradas da CP (a camarada Milay e 1 camarada de Lisboa)

INDICAÇÕES FINAIS - Pensamos que a COMORG deverá estar formada em princípios de Outubro pelo que propomos a antecipação da reunião da CP para meados de Setembro (proposta aliás apoiada pelos magistérios) sob pena de comprometer todo o trabalho.

Montes, 2 de Setembro de 1978

TEXTO PARA DISCUSSÃO - SEORP

Este texto pretende inserir-se no processo de preparação da IV Conferência Nacional; face à qualidade de textos já existentes apenas procura fazer ressaltar aspectos com particular interesse para o nosso trabalho nos dois primeiros pontos, e por isso, deve ser sempre referenciado às aquisições do MES e do nosso sector - EPC 19.

Pelo seu interesse quanto a perspectivas de trabalho cultural e na sequência do texto se junta um documento produzido por uma estrutura da nossa região, bem como um texto do nosso camarada Jacinto Rodrigues.

- 1 - CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO DE PARTIDA
 - 1.1 - Situação política global
 - 1.2 - " " nas escolas
 - 1.3 - Caracterização dos sectores a congregar
 - 1.4 - " " do sector estudantil do MES

2 - ORIENTAÇÃO POLÍTICA E ORGANIZATIVA

3 - A UER

1 - CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO DE PARTIDA

1.1 - Situação política global

A crise que atravessamos não tem uma caracterização exclusivamente económica; não existe entre as várias fracções portadoras do projecto de dominação burguesa a coesão necessária à reposição rápida da taxa de exploração; a inexistência de um COMANDO UNIFICADO DA BURGUESIA é um dado importante da actual fase; ela revela que a crise se prolonga a outros níveis e por isso vimos falando de uma crise de representação política/partidária e num conseqüente processo de recomposição política; este é um processo ainda não encerrado e que tenderá a ter a pequena burguesia como fracção social de maior mobilidade política;

A inexistência deste comando unificado da burguesia - a par da resposta do movimento popular, que tem a nível sindical a sua expressão mais sólida - tem levado a que a recuperação capitalista se venha processando através do enquadramento das massas, marcadamente ideológico e cultural, em detrimento da utilização dos seus mecanismos mais aberta e claramente repressivos(1);

A função deste enquadramento burguês (acção global por actuar aos vários níveis, inclusivé económico) é no entanto bem clara para os revolucionários:

- esbate o perfil do inimigo de classe, que em anteriores fases de luta se apresentava bastante melhor delineado;
- esbate as contradições fundamentais criando condições para o acentuar de contradições secundárias;
- desarticula a acção contestatária, despolitizando o quotidiano;

Em resumo visa 'dissimular o real' surgindo claramente como acção de "integração e domesticação das classes trabalhadoras"(2);

1.2 - Situação política nas escolas

. É no quadro global traçado que encontraremos as razões para a actual situação nas escolas e por incidência no ME, em cujo seio vimos assinalando uma viragem. O ME encontra-se colocado numa nova situação que consiste em:

- A burguesia detém a ofensiva estratégica;
- Essa ofensiva passa pelo enquadramento global que subutiliza a sua penetração nas escolas;

- O ME está agora colocado perante um "inimigo sem rosto";

. Tendo presente - por outro lado - que o ME esteve dependente dos avanços do movimento popular e que a adesão ao processo revolucionário prescindiu em muitos casos de opções de classe profundas, devemos compreender a desmobilização de muitos estudantes, como resposta à nova situação, quando o movimento popular e o ME não podem senão alcançar agora vitórias parciais, batendo o terreno de onde poderá ser relançada a ofensiva;

. Sem cair em atitudes simplistas que nos levariam a pensar não estar a nossa teoria e prática política marcada de erros, pensamos que a desmobilização de muitos estudantes tem a ver com uma incompreensão profunda do significado da actual fase de luta, apontando as organizações - e por via o trabalho político organizado, como incapazes de assegurarem o caminho da vitória, como se este caminho pudesse ser constituído por sucesso que ignorassem muitos erros e derrotas.

. Esta viragem é uma viragem que radica em última análise nas transformações sociais mais recentes, e tem como protagonista mais activo a pequena burguesia.

. Convirá aqui detalhar melhor o que foi exposto. A subalternização da contradição principal, clara durante a ofensiva popular traduz-se num acentuar de outras contradições, secundárias que não deixaram de existir mas têm agora um peso decisivo:

- em termos imediatos a dependência económica do agregado; se para muitos estudantes se trata de rentabilizar este investimento, outros vão encontrando soluções que os colocam numa situação específica de menor disponibilidade (estudantes-trabalhadores);

- A médio prazo, um mercado de trabalho crescentemente tecnocrático e competitivo, de que previsivelmente serão eliminados os menos habilitados;

- Estas condicionantes encontram um quadro complementar favorável:

. o reforço dos mecanismos de enquadramento do jovem, nomeadamente familiar, não só económica, a revalorização de conceitos consequentes com as necessidades do mercado de trabalho como o "canudo", a promoção, a "competência", servidos pela imposição de ritmos de trabalho mais intensos; por outro lado, a inexistência aparente de alternativas, a identificação da teoria/prática política da esquerda com essa incapacidade, um estilo de trabalho político que criou, muitas vezes, uma imagem de desgaste "servem" também aquelas condicionantes.

1.3 - Caracterização dos sectores a congregar

. A importância que assumem os independentes de esquerda para o trabalho político nas escolas, sobretudo quando as nossas perspectivas passam por aí - é o caso da UER - levam-nos a que tentemos uma abordagem deste "fenómeno".

. O processo que conduz à formação de um sector não organizado tão significativo parece-nos relativamente claro. Este sector constitui também um reflexo da viragem assinalada. No entanto não é um bloco coeso sob o ponto de vista político. No seio dos elementos mais avançados sob o ponto de vista teórico pensamos dever assinalar duas correntes fundamentais;

- por um lado um conjunto significativo de elementos muitos dos quais desenvolveram já trabalho político organizado, frustrados e desiludidos por essa mesma

acção política; a resposta à situação global descrita processa-se na continuação duma teorização que vai ganhando algum impacto não só no nosso país; essa teorização faz um balanço das experiências do Movimento Comunista Internacional - balanço que feitas as contas, é reputado de negativo e concludente - continuado pela análise do processo revolucionário em Portugal. Outras "saídas" são procuradas assumindo-se como marginais. Este grupo que encontra a nosso ver condições favoráveis ao seu desenvolvimento, coloca-se numa perspectiva anti-partido e mesmo anti-marxista;

uma outra fracção constitui a reserva da UER, bem como orlas de influência das organizações políticas; muitos destes camaradas vem desenvolvendo trabalho político e no nosso caso não estão organizados em parte porque não dispomos duma adequada política de enquadramento e recrutamento.

1.4 - Caracterização do sector estudantil do MES

Pensamos que este ponto é fundamental para o acçãoar de qualquer proposta fundamental de intervenção e deve conduzir a uma percepção clara das forças disponíveis; nesse sentido se justifica o seu tratamento no ponto 3.

Em todo o caso, e na sequência dos pontos anteriores, haveria que aqui assinalar algumas questões:

Em primeiro lugar discutir o nosso sector de trabalho não é possível independentemente da situação do MES; o sector contém todas as "virtudes" e todos os defeitos da nossa organização.

Fundamentalmente pensamos que o actual sector se caracteriza pela coexistência de 2 modelos politico-organizativos - necessários à fase que vivemos - mas de que não estamos habilitados a retirar todas as potencialidades; ela não é assumida e correctamente articulada de molde a podermos ocupar espaços politicos e organizativos abertos pela democracia burguesa.

2 - Orientação politica e organizativa

Resistência - uma questão que não é "teórica"; implica o constante aprofundamento da linha política e adequações organizativas.

Linha política - a nossa palavra de ordem central: "COMERA a RECUPERAÇÃO CAPITALISTA DAS ESCOLAS - POR UM ENSINO DEMOCRÁTICO, CRÍTICO E CIENTÍFICO" é correcta. Revela uma percepção clara da tática da burguesia para as escolas.

Abre o caminho e traduz mesmo um estilo de trabalho que vimos desenvolvendo no trabalho de base, previligiando o combate no terreno ideológico e cultural quotidiano. Esta palavra de ordem pode ser desdobrada retirando todas as suas implicações.

Pensamos, no entanto, que não deve constituir o consagrar dum trabalho que privilegie predominantemente o estudante enquanto tal. Há que ver como devem ser orientadas preocupações fundamentais dos estudantes, preocupações essas não integráveis na palavra de ordem central - e cujo desenvolvimento, sem alternativas, se revelará mesmo oposto.

Ou seja o nosso trabalho deve ao nível do político considerar que a situação do jovem enquanto estudante é transitória; ele vai, a médio prazo, ter uma inserção completamente diferente, inserção essa que tem hoje peso já decisivo nessa situação escolar.

Há assim que enquadrar a questão dos trabalhadores-estudantes; há que relativamente à sua situação futura enquadrar a questão do desemprego e do mercado de trabalho; há que e esta parece-nos uma questão decisiva - desenvolver alternativas de teoria/prática política, aos quadros progressistas que precisamente mobilizados e organizados fundamentalmente enquanto estudantes - irão sendo progressivamente, cumprindo a estratégia dominante, desempenhando afinal e possivelmente com acres-

cida eficácia, o papel que desde sempre lhes foi reservado.

A esquerda revolucionária europeia - de que estamos longe neste campo - possui quanto à utilização dos quadros do partido, e também aos que organiza exteriormente ao partido, uma política de integração no movimento popular, orientada para a dualidade de poderes e a contraposição duma nova ideologia, duma nova cultura nascentes. (3)

Adequações organizativas - pensamos que a sobrevivência das perspectivas revolucionárias passa pela capacidade que se disponha de promover o debate político alargado. Debate que permita construir as respostas de luta ao cerco da burguesia e do revisionismo.

Este debate deve ser organizado tendo em conta a realidade do ME; isto é, considerar que no seu seio existem vários níveis de formação e prática política a que é necessário dar corpo; adequações que sem prescindir de duas instâncias de trabalho necessárias - o trabalho partidário e o trabalho frentista - permitam uma maior capacidade de penetração das perspectivas revolucionárias e a formação política; adequações que devem reflectir-se igualmente aos processos consequentes de trabalho.

3 - A UER

. Dos pontos anteriores retiramos o seguinte:

A UER tem um espaço que passa pelo congregar dum conjunto significativo de elementos não organizados, pela formação política, por novas perspectivas de trabalho.

A UER pode articular correctamente 2 modelos organizativos.

Como tal seria incorrecta a nossa ver a hipótese UER/organização autónoma UER/organização frentista.

A definição de UER/organização autónoma expressa no EPC 19 incluiu uma relativa autonomia de aparelho e análise política e engloba de certa forma a instância frentista. Como tal parece-nos que é no essencial correcta essa definição; no entanto ficam de pé alguns pontos importantes.

A autonomia do sector estudantil do MES pode deparar com 2 tipos de questões:

. os estudantes do MES não estão organizados porque são estudantes mas porque se integram na luta de classes e na construção duma direcção política revolucionária para o movimento de massas, pelo que a autonomia do sector não pode perder de vista este aspecto; questão que tem implicações para o trabalho político;

. por outro lado a autonomia do sector ainda que vista à luz do princípio anterior poderá chocar com os interesses do MES; bastaria apontarmos o facto de - em algumas regiões - camaradas estudantes constituírem um suporte importante de trabalho político não estudantil.

Quanto à construção da UER: é aqui que entronca a questão abordada no pnto 1.4 (caracterização do sector estudantil do MES). Este aspecto bem como a necessidade da UER nascer de um processo dinâmico não administrativo, levam a que a direcção do sector empreenda alguns passos que lhe competem como seja o de um levantamento das forças com que se conta e da generalização de uma prática de algumas estruturas que consiste em alargar o trabalho sem o diluir passando a contar com a existência de núcleos que poderão formalizar-se na UER.

Porto, 25 de Agosto 1978